

“Melhores Práticas para Missões para Igrejas WAGF”

- 1. Fundamentos da Teologia de Missões**
- 2. Melhores Práticas para a função e administração de Missões Envio de estruturas/agências.**
- 3. Guia prático de Compromissos Missionários entre igrejas e conselhos da WAGF**

Parte 1: Fundamentos da Teologia de Missões

Estes 13 pontos foram trabalhados em Nashville, em julho de 2022, e revistos pela comissão via e-mail entre agosto e setembro de 2022

**Membros da Task Force:
Alan Johnson, DeLonn Rance, and Brad Walz**

Conteúdo e Índice

Introdução: Teologia de missões: oportunidades e desafios (Páginas 1-2)

Secção 1: Teologia Bíblica de Missões: Fundamentos (Página 3)

1. Teologia Bíblica de Missões: Fundamentos. Porque é necessária teologia bíblica? (Páginas 4-5)
2. Missio Dei: A missão de Deus (Páginas 6-7)
3. Escatologia (Páginas 8-9)
4. Teologia bíblica de missões: Terminologia (Páginas 10-12)

Secção 2: Teologia fundamental para a prática de missões transculturais (Página 13)

5. Visão da evangelização mundial: levando o Evangelho onde Cristo não é conhecido (Páginas 14-16)
6. O Espírito Santo e as Missões (Páginas 17-18)
7. Missiologia Equilibrada: Integrando Evangelismo, Discipulado, Plantação de Igrejas, e Compaixão (Páginas 19-20)
8. Eclesiologia e a importância da plantação de igrejas (Páginas 21-22)
9. Ministérios sensíveis ao seu contexto: Equilibrando e evitando extremismos (Páginas 23-24)

Secção 3: Desafios/ameaças às missões globais (Página 25)

10. A ameaça do universalismo e a singularidade de Cristo, o Salvador do Mundo (Páginas 26-28)
11. Os desafios da missiologia administrativa e a Nova Reforma Apostólica (Páginas 29-30)
12. O amadorismo das missões: O desafio dos obreiros sem formação e de curto prazo (Páginas 31-33)
13. Escatologia: Restaurando a urgência de anunciar e trazer de volta o Rei (Página 33)

Introdução

Teologia de missões: Oportunidades e Desafios

Enquanto que as formas de comunicação do Evangelho possam variar, de acordo com o contexto, o Deus da missão e o foco do Evangelho nunca mudam. Ele é o mesmo ontem, hoje e eternamente (Hebreus 13.8). Paulo indica que “os outros evangelhos” abundam, o que requer uma mordomia fiel da mensagem do Evangelho (Gal. 1:6-9; I Tim. 6:20).

Original preparado em Julho 2022, pela Task Force do Guia Prático da WAGF - Parte 1

Introdução

A primeira parte do documento “Guia Prático” da Comissão de Missões da WAGF trata da teologia de missões que baliza essas práticas. Organizada em três secções, a parte 1 trata de fundamentos da teologia de missões, missiologia fundamental para a prática de missões transculturais e desafios teológicos/missiológicos.

Justificação

Depender de missiologia bíblica sólida impulsiona a Igreja a maximizar oportunidades contemporâneas para as missões. O desvio missiológico, o quase impercetível mover da agenda missionária de Deus no mundo para agendas, práticas e teologias alternativas acontece, não só em denominações tradicionais, mas cada vez mais em igrejas e agências missionárias pentecostais. As melhores práticas apresentadas na parte 1 deste documento tentam responder a estes desafios e apresentar um fundamento sólido de teologia de missões.

Desafios e Oportunidades Teológicos/Missiológicos

1. Oportunidades
 - A. Uma missiologia bíblica sólida oferece motivação e direção às igrejas locais e nacionais para se envolver na missão global.
 - B. O crescimento da igreja Pentecostal no mundo inteiro.
 - C. O aumento do envio de missionários no geral.

2. Desafios
 - A. O crescimento do pluralismo, “inclusivismo” e universalismo
 - B. Escatologia defeituosa, estudo do final dos tempos que reduz a importância da vinda de Jesus e a responsabilidade da Igreja até Ele voltar.
 - C. Eclesiologia defeituosa. O estudo da igreja muda o foco, de fazer discípulos através da evangelização e plantação de igrejas locais, para implementar o reino de Deus através de estratégias sociais.
 - D. O aumento da dependência nas missões e o afastamento de princípios bíblicos concretos articulados em princípios da “Igreja Nativa”.

Observações gerais em resposta a estes desafios

1. Cada igreja nacional e agência missionária deve articular e propagar uma teologia de missões bíblica e contextualizada.
2. Os desvios missiológicos locais e nacionais devem ser identificados e tratados, com amor, mas de forma profética.
3. Os princípios bíblicos da “Igreja Nativa” devem guiar atitudes, decisões e ações missionárias.

Guia prático para equipas ou comités nacionais de missões

1. Desenvolver programas de mobilização e treinamento, assentes numa correta teologia bíblica de missões.
2. Todo o treinamento e mobilização para missões deve ser baseado na importância da teologia bíblica de missões.
3. As equipas ou comités nacionais de missões devem rever periodicamente e frequentemente os seus padrões e práticas para verificar a não ocorrência de desvios.
4. Todos os planos e atitudes missionárias devem ser avaliados à luz dos princípios bíblicos de missões.

Conclusão

Deus traçou a agenda das missões ao enviar a Sua Palavra. A tarefa do povo missionário de Deus, a Igreja, e as agências missionárias que a servem, é obedecer à Sua agenda no poder do Espírito. Uma boa teologia de missões leva o povo missionário de Deus de volta a uma missiologia e a práticas assentes na Sua verdade revelada.

Secção 1: Fundamentos da Teologia Bíblica de Missões

Task Force do Guia Prático da Comissão de Missões da WAGF
Parte 1: Teologia de Missões
Secção 1: Número 1

Fundamentos da Teologia Bíblica de Missões Porque é necessária uma teologia bíblica?

Para glorificar e ser fiel ao Deus da missão revelado na Bíblia, as missões devem ser centradas na Palavra de Deus e capacitadas pelo Espírito Santo

Original preparado em Julho de 2022, pela Task Force do Guia Prático da Comissão de Missões da WAGF – Parte 1

Introdução

Deus é digno de toda a glória, honra e louvor. O Seu plano, para a humanidade e toda a criação,

revelado na Bíblia é para a Sua glória (Efésios 1). É um plano de revelação e reconciliação. A tarefa das missões é povoar o Céu com adoradores.

Justificação

Devido à queda, os corações humanos vagueiam enquanto a agenda humana substituiu a agenda divina. Esta enfermidade afeta não só os indivíduos, mas missionários, igrejas e agências missionárias. O antídoto é refletir, em termos de teologia e missão, questionando: “A nossa agenda de missões é a agenda de Deus?” e também “Estamos a cumprir essa agenda no poder do Espírito Santo, no poder do Evangelho, ou nas nossas próprias fontes falhas de poder?” Esta é a tarefa da teologia bíblica de missões.

Observações Gerais

1. Verdades bíblicas fundamentais e basilares para as missões da Igreja:
 - A. As Escrituras, autoridade final de fé e prática, têm a palavra final no determinar da natureza e alcance da missão da Igreja.
 - B. A perdição da [humanidade], separada de Deus e sem capacidade de se salvar [a si mesma], é um facto trágico que só encontra solução na salvação oferecida através do Evangelho de Cristo.
 - C. A singularidade de Jesus Cristo como Filho de Deus e Salvador [da humanidade]. "Em nenhum outro há salvação" (Atos 4:12).
 - D. Todas [as pessoas] são candidatas à salvação em Jesus Cristo, na condição de se arrependerem das suas más obras e de serem em Deus, através de Jesus Cristo.
 - E. A Igreja, composta dos verdadeiros crentes em Jesus Cristo, é possessão própria de Deus e o Seu agente na evangelização do mundo.
 - F. O Espírito Santo habita na Igreja e torna-se a fonte de poder e capacitação para as missões quando os crentes O recebem na Sua plenitude.
 - G. O regresso de Cristo à terra é a esperança dos verdadeiros crentes e a solução final para os males do planeta. Os reinos deste mundo tornar-se-ão os reinos de Deus e do Seu Cristo, e Ele reinará para sempre.¹

Guia prático

1. O compromisso com a teologia de missões deve ser intencional, sob pena de ocorrerem desvios missiológicos.
2. Cada igreja que envia missionários e cada agência deve rever, em oração, as Escrituras e uma missiologia bíblica concreta para avaliar se o seu ensino e ações missionárias se mantêm em linha com a missão de Deus.
3. Renovar consistentemente os métodos de comunicar os fundamentos bíblicos da teologia de missões a todos os intervenientes.
4. Treinamento missionário deve estar assente na prática e numa teologia de missões bíblica.

¹ Hodges, Melvin L. *A Theology of the Church and Its Mission: A Pentecostal Perspective*. (Springfield, MO: Gospel Publishing House, 1977), 19.

Missio Dei A missão de Deus

A agenda das missões deve ser determinada pela agenda de Deus para as missões, como é registada na Bíblia. De Génesis a Apocalipse, o plano de redenção de Deus desenrola-se em revelação e reconciliação. Na história da redenção, Deus faz uma aliança com um homem, Abraão, e um povo para cumprir a sua agenda missionária.

Original preparado em Julho de 2022, pela Task Force do Guia Prático da Comissão de Missões da WAGF – Parte 1

Introdução:

O termo *missio Dei* (Latim para “a missão de Deus”) refere-se a um plano redentor universal de Deus revelado na Bíblia, para reconciliar todas as coisas no céu e na terra, para Si mesmo, em Cristo (Efésios 1). Desde a criação, Deus fez parceria com a humanidade para que a mesma “frutificasse e crescesse em número, enchendo a terra e subjugando-a”. (Génesis 1:28 – O mandato do Domínio). Abraão e o povo de Israel foram separados para serem de bênção para as nações (Génesis 12, Êxodo 19). Com a vinda do Messias, através da vida, morte e ressurreição de Jesus, a reconciliação de Deus e os seres humanos tornou-se possível. Jesus comissionou (Mateus 28:18-20) o Seu povo para cumprir o Seu mandamento de fazer discípulos de todas as nações, providenciando, para tal, o poder do Espírito Santo. A motivação para as missões está assente na obediência ao Deus da missão e na antecipação do regresso de Cristo. A *Missio Dei* culmina na plenitude do reino de Deus com o regresso de Cristo à terra e o paraíso restaurado com os representantes do reino redimidos diante do trono, glorificando a Deus (Apocalipse 7:9).

Justificação

Uma compreensão clara da missão de Deus (*missio Dei*) no mundo permite ao povo missionário de Deus alinhar a sua agenda e atividades missionárias com a agenda de Deus.

Observações gerais

1. Verdades bíblicas fundamentais e basilares para as missões da Igreja:
 - A. A humanidade e toda a criação foram criadas para a glória de Deus.
 - B. Iniciando em Génesis 1:28, Deus faz parceria (alianças) com mulheres e homens para cumprir os seus propósitos, culminando com a parceria com o povo missionário de Deus, a Igreja, para cumprir a Sua missão, através da comunicação do Evangelho e a criação de discípulos de todas as nações.
 - C. Deus chama e alia-se com um homem, Abraão, para abençoar as nações. A partir de Abraão, Deus separa um povo (Israel) para ser um povo missionário, um reino sacerdotal e uma nação santa (Ex. 19:6), para abençoar as nações.

- D. Um Israel voltado para si mesmo falha no cumprimento da aliança, mas, com a chegada do Messias prometido, os primeiros frutos do reino de Deus entram na história da humanidade.
- E. Através da vida, morte e ressurreição de Jesus, Ele criou a possibilidade de mulheres e homens serem reconciliados com Deus e uns com os outros (Ef. 1, 2; Cor. 5:11-21).
- F. Jesus comissionou os Seus discípulos para comunicar o Evangelho a todas as gentes e a todas as pessoas, fazendo discípulos de todas as nações, batizando e ensinando tudo aquilo que Ele ordenou (Mat. 28:18-20).
- G. Através da Igreja, no poder do Espírito Santo (Atos 1:8), a multiforme sabedoria de Deus é manifesta (Ef. 3:10).
- H. A Igreja torna-se o povo missionário de Deus - “Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz. Vós, que em outro tempo não éreis povo, mas agora sois povo de Deus; que não tínheis alcançado misericórdia, mas agora alcançastes misericórdia” (1 Ped. 2:9-10).
- I. Deus, o autor das missões, não quer que alguém se perca (2 Ped. 3:9), mas o Seu desejo é que cada pessoa, cada povo seja restaurado a um relacionamento com Ele e uns com os outros, através do poder do Evangelho de Jesus Cristo.
- J. A reconciliação acontece apenas na condição da conversão, que exige arrependimento do pecado e mal e submissão ao senhorio de Jesus Cristo, o único rei legítimo.
- K. Submissão a Cristo inclui participação nas comunidades locais de fé. Daí a importância da plantação de igrejas locais entre os povos.
- L. A motivação para missões é a obediência ao Deus da missão. A motivação derradeira é a glória de Deus expressa em amor para que mulheres e homens se reconciliem com Deus e uns com os outros.
- M. O propósito das missões é encher os céus com adoradores de Deus para a Sua glória em antecipação da redenção da humanidade e de toda a criação.

Guia prático

1. As filosofias e práticas missionárias devem estar alinhadas com a agenda da revelação e reconciliação estabelecidas na missão de Deus (*missio Dei*) revelada na Bíblia.
2. Ainda que possam existir motivações variadas (e.g. compaixão pelos perdidos, agenda pessoal, justiça social, a vinda de Cristo) para fazer missão, a motivação primária e mais legítima é o amor a Deus e aos outros, expresso na comunicação do Evangelho em palavras e obras, aos perdidos alienados de Deus e uns dos outros.

Conclusão

A missão de Deus chama o povo missionário de Deus de volta a uma missiologia e prática fundamentadas na verdade revelada, a Bíblia. A agenda missionária divina – revelação e reconciliação -, centra-se na pessoa e na obra de Jesus Cristo. A tarefa do povo missionário de

Deus, a Igreja, e das agências missionárias que o servem, é obedecer à Sua agenda, no poder do Espírito.

Task Force do Guia Prático da Comissão de Missões da WAGF
Parte 1: Teologia de Missões
Secção 1: Fundamentos da Teologia de Missões
Número 3

Escatologia

As missões devem estar engajadas com o fim em mente, escatologicamente falando.

Original preparado em Julho de 2022, pela Task Force do Guia Prático da Comissão de Missões da WAGF – Parte 1

Justificação

Como os crentes vêem o final do plano redentor de Deus exerce uma poderosa influência em como os cristãos perceberam e executaram missões globais.

Observações gerais

1. Muitos interpretaram o derramamento pentecostal do início do séc. XX como um sinal do regresso iminente de Jesus. Tal criou um sentimento de urgência na proclamação do Evangelho, mas, ao mesmo tempo, levou a uma preparação, treinamento e compromisso com assuntos sociais negligentes. O “atraso” na Sua vinda levou alguns pentecostais a perder esse senso de urgência em proclamar Cristo como Senhor e Rei, focando-se, em vez disso, em assuntos da realidade presente e maleitas sociais, em detrimento do alcance dos perdidos. A grande variedade de sistemas de interpretação cristãos relativos ao fim dos tempos é um tópico complexo. Assim sendo, é sensato considerar todas as posições escatológicas com humildade e perceber que outros cristãos sinceros podem ter pontos de vista diferentes. Dentro da comunhão mundial das Assembleias de Deus, muitas pessoas podem ter muitas formas diferentes de entender a vinda de Jesus e o fim dos tempos. Os crentes podem estar unidos no seu papel, bíblicamente claro, como povo de Deus e Suas testemunhas, à medida que conduzem as suas vidas até ao Seu regresso.
2. Há três ideias bíblicas que podem guiar os cristãos, não importando a forma como compreendem os últimos dias, e que os podem ajudar a viver e servir na Sua presença na Nova Jerusalém.
 - A. Primeiro: A Bíblia afirma claramente que o plano redentor de Deus será cumprido entre todas tribos, línguas, povos e nações (Ap. 5:9; 7:9; 21:24, 26) e que “o Evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as nações, e então virá o fim (Mat. 24;14). Isto significa que, qualquer pessoa que fale sobre o fim dos tempos, o seu foco deve ser sempre a proclamação das boas novas a toda a humanidade, na sua diversidade.
 - B. Segundo: O foco primário de todas as passagens do Novo Testamento que se relacionam com a escatologia é na forma que os seguidores de Jesus devem viver, à luz da sua iminente vinda. Não devemos especular quando ou como irá acontecer, mas antes ser o povo que Deus quer que sejamos e fazer o que

deveríamos fazer. Jesus abordou a necessidade de vigiar e não ser enganado (Marcos 13:5-6): vigiar porque ninguém sabe o tempo do Seu regresso (Marcos 13:32-37). Pedro, ao falar do julgamento divino sobre os sucessos humanos (2 Pedro 3:10), interroga os seus leitores sobre o tipo de vida que devem viver à luz desse julgamento (2 Pedro 3:11). Ele responde que deveremos viver vidas santas e justas, procurando ser irrepreensíveis, imaculados e em paz com Jesus (2 Pedro 3:11,14).

- C. Finalmente, toda a Bíblia mostra como o Deus vivo cumpre o Seu plano de redenção ao trabalhar através do Seu povo. Isto inclui, tanto a forma como os crentes vivem (refletindo os valores do padrão divino), como os instrumentos que Ele usa para proclamar a boa nova de Jesus às nações. Pedro parece indicar que os cristãos aceleram a vinda de Jesus através da proclamação do Evangelho (2 Pedro 3:12). Ele relembra os leitores que eles não podem olhar para a demora do regresso de Jesus como problemática, mas antes como um exercício de paciência do Senhor, permitindo que muitos venham à salvação, porque Ele não quer que nenhum se perca (2 Pedro 3:9).

Guia prático

1. Missionários, agências missionárias e igrejas mãe precisam ter o fim dos tempos em mente quando formulam a sua prática e filosofia missionária.
2. Ao desenvolver práticas e planos a longo prazo, o povo missionário de Deus precisam de continuamente viver com um senso de urgência, na antecipação da Sua vinda.

Task Force do Guia Prático da Comissão de Missões da WAGF
Parte 1: Teologia de Missões
Secção 1: Fundamentos da Teologia de Missões
Número 4

Teologia Bíblica de Missões: Terminologia

No mundo missiológico, certos termos comportam, frequentemente, múltiplas definições, criando, assim, confusão. De forma a facilitar a comunicação, a MC da WAGF recomenda as seguintes definições de termos chave.

Original preparado em Julho de 2022, pela Task Force do Guia Prático da Comissão de Missões da WAGF – Parte 1

Justificação

Clareza na compreensão e uso de termos missiológicos facilitará a comunicação.

Observações gerais

Devido à falta de uniformidade na definição de termos como missionário, missão e missões, a MC da WAGF propõe definições para facilitar a comunidade entre igrejas-mãe da WAGF. A Missions Leadership da WAGF recomenda as seguintes definições de termos missiológicos chave para a comunidade das missões:

1. **Evangelismo transcultural** – A comunicação do evangelho atravessando barreiras culturais. Em termos técnicos, não se trata do crente que dá testemunho a uma pessoa de outra cultura que vive na sua comunidade, apesar de esta prática de testemunho ser vitalmente necessária. Antes, refere-se aqueles que são chamados para se separarem da sua própria cultura e partirem para uma cultura de um grupo específico (identificação e aculturação missionária), de forma a comunicar o Evangelho e plantar a Igreja. Pode incluir missionários que atravessem fronteiras geográficas e políticas e aqueles que não o fazem (estes são, por vezes, referidos como trabalhadores transculturais ou missionários domésticos; este último termo, no entanto, pode ser confuso e enganador já que missionário doméstico também pode referir-se a obreiros apoiados para implantar igrejas em outras regiões geográficas sem atravessar fronteiras culturais).
2. **Evangelismo** — A comunicação do evangelho no poder do Espírito aqueles que estão perdidos sem Cristo. O evangelismo deve constituir-se de um ciclo contínuo que inclua: **1) o estabelecimento** de uma presença cristã na comunidade como testemunho aos incrédulos (Mateus 5:13-16). Esta presença deve ser acompanhada de **2) proclamação das boas novas** (Marcos 16:15-16; Lucas 24:46-48), cujo objetivo é **3) a persuasão** de homens e mulheres a que aceitem Jesus como Senhor e Salvador (Atos 26:28-29; 2 Cor. 5:11). Tendo recebido Cristo, segue-se a **4) participação** no corpo de Cristo, que inclui serviço, boas obras e a edificação dos outros cristãos (Mat. 5:16; Gal. 6:8-9; Ef. 4:16). O ciclo conhece a sua plenitude quando o novo convertido se torna uma presença evangelística adicional na **5) propagação** do Evangelho.
3. **Não alcançados** – Nações com grupos étnicos onde a presença e apresentação do Evangelho é praticamente ou totalmente não-existente.
4. **Missão** (*missio Dei*) (Latim - missão de Deus) — o propósito ou atividade de Deus para a redenção da humanidade e toda a criação (deve notar-se que, para alguns missiólogos, *missio Dei* refere-se a tudo o que Deus faz para a salvação da

- humanidade; enquanto “missão” se refere a tudo o que a Igreja faz para apontar para o reino de Deus).
5. **Missões** — A atividade e programa da Igreja para comunicar Cristo através de palavras e obras, resultando no estabelecimento da Igreja entre pessoas de outras línguas e/ou culturas, no poder do Espírito Santo.
 6. **Missionário** — Pessoa chamada e capacitada pelo Espírito Santo, comissionada pela Igreja para ir a outro povo e lugar, para comunicar o Evangelho, discipular e estabelecer a Igreja de Jesus Cristo no meio de uma cultura e/ou língua diferente.
 7. **Missionário Internacional Transcultural** — Obreiro intencionalmente enviado ou reconhecido pela estrutura da sua liderança nacional de missões (ou da igreja local nativa) para um país que não o seu, para trabalhar com um povo culturalmente diferente.
 8. **Missionário Transcultural Doméstico** — Obreiro intencionalmente enviado ou reconhecido pela estrutura da sua liderança nacional de missões (ou da igreja local nativa) para trabalhar, no seu próprio país, com um povo culturalmente diferente.
 9. **Igreja Missionária** – Uma comunidade local de crentes, equipados pela liderança e capacitados pelo Espírito para viver em serviço e louvor a Deus, em edificação mútua dos seus membros, e testemunho ao mundo. Este testemunho inclui, simultaneamente, a comunicação do Evangelho em palavras e ações às pessoas da sua própria comunidade (Jerusalém), às outras comunidades da sua própria cultura (Judeia), a grupos culturais geograficamente próximos (Samaria), e a todos os grupos culturais da terra (confins da terra).
 10. **Povos** – Comunidade étnica na qual o Evangelho pode ser espalhado antes que encontre uma barreira de língua, cultura, religião ou limitação geográfica.
 11. **Povos alcançados** – Um grupo de pessoas com a sua língua, cultura e cosmovisão específicas e que contém suficientes cristãos nativos, de forma que esses crentes, com os seus próprios recursos e iniciativa, são capazes de evangelizar o restante do seu povo.
 12. **Povos não alcançados** — Uma comunidade étnico-linguística onde não existem comunidades nativas de cristãos com um número adequado de membros ou recursos para evangelizar o seu próprio povo. Por isso, embaixadores de Cristo devem vir de outros lugares com o propósito de aprender a língua e cultura deste povo, contextualizando-se para propagar o Evangelho dentro deste grupo, fazer discípulos e estabelecer igrejas nativas. O comité editorial do Joshua Project original selecionou, como critério para definir um povo não alcançado, um povo com 2% ou menos de cristãos evangélicos ou 5% ou menos de cristãos nominais.² Aos poucos, esta definição está a mudar para o qualitativo (o facto das pessoas alcançadas terem a capacidade alcançar os seus conterrâneos) em vez do quantitativo (as pessoas alcançadas ultrapassarem a barreira dos 2% de evangélicos).

² Lausanne Committee “AD2000 and Beyond Movement and Joshua Project” (paper presentation Lausanne Conference, Chicago, 1982).

13. **Missões holísticas** — a palavra *holos*, do grego, significa “pleno” ou “completo”. Um ministério holístico preocupa-se com a pessoa no seu todo, ministrando intencionalmente ao corpo, espírito, emoções e mente de um ser humano, usando palavras, ações amorosas e sinais sobrenaturais. O ponto de partida é arbitrário (por vezes, o testemunhar começa com palavras; por vezes, com ações; por vezes, com milagres), mas o testemunho é incompleto sem que as palavras, ações e demonstração de poder se complementem. O holismo bíblico é uma forma de pensar que intencionalmente reconhece o Senhorio de Cristo em todos os aspetos da vida.

Guia prático

1. As agências e centros de treino missionários devem sensibilizar, dentro da sua esfera de influência, de forma a trazer uniformidade ao uso de termos sobre missões. A Missions Leadership da WAGF recomenda o uso das definições acima.
2. Na preparação para mobilização e recursos de treinamento, as agências e centros de treino missionários devem claramente definir termos missionários chave.
3. Se surgirem dúvidas relacionadas a termos missiológicos, devem consultar-se entidades missiológicas idóneas (por exemplo, a comunidade de missões da WAGF).

Secção 2: Teologia fundamental para a prática de missões transculturais

Visão da evangelização mundial: Levando o Evangelho onde Cristo não é conhecido

O plano redentor de Deus abarca todos os povos. O desafio para o povo missionário de Deus é criar acesso ao Evangelho a todos os povos e a todas as pessoas.

Original preparado em Julho de 2022, pela Task Force do Guia Prático da Comissão de Missões da WAGF – Parte 1

Justificação

Quando se observa o arco narrativo do plano redentor de Deus na Bíblia, pode-se constatar que, do início ao fim, ele abarca toda a humanidade, na sua diversidade. Deus prometeu a Abraão que, através dele, todas as famílias da terra seriam abençoadas (Gen. 12:3). Apocalipse 5:9 e 7:9 mostram multidões de todas as nações, tribos, povos e línguas diante do trono do Deus vivo. Por isso, a prioridade missionária deve ser implantar a Igreja entre todos os povos para criar acesso ao Evangelho a todas as pessoas.

Observações gerais

1. Os objetivos das cinco comissões nos Evangelhos e em Atos (Mateus 28:16-20; Marcos 16:14-18; Lucas 24:44-49; João 20:21-23; Atos 1:4-9) mostram que a tarefa do povo de Deus é fazer discípulos de todas as *ethnē* (todo o grupo étnico ou nação não aliada ou que confie no Deus de Israel), proclamando o Evangelho a toda a criatura, pregando o arrependimento e perdão no nome de Jesus a todas as *ethnē*, e ser testemunha de Cristo de Jerusalém até aos confins da terra.
2. Esta tarefa é cumprida à medida que o povo de Deus é enviado ao mundo pelo Pai, proclamando as boas novas, chamando o povo ao arrependimento e fé para receber o perdão dos pecados, incorporando os que creem na família de Deus através do batismo, ensinando-os a obedecer a tudo o que Jesus mandou e, sendo capacitados pelo Espírito Santo para testemunhar atravessando barreiras culturais às partes mais remotas da terra, sendo enviados como Jesus.
3. A tarefa é de uma complexidade imensa e global no seu alcance, abarcando toda a humanidade, na sua diversidade, exigindo esforços transculturais, e a necessidade de capacidades em evangelismo, discipulado, ensino e implantação de comunidades de fé. Torna-se claro que, à medida que o Evangelho é implantado entre um povo, Deus ordena essa comunidade de fé a trabalhar em missões domésticas para evangelizar e discipular cada pessoa no seu grupo étnico. Ao mesmo tempo, Jesus continua a pedir à Igreja, como um todo, para investir em missões transculturais (Mat. 24:14; Marcos 13:10).

4. A ordem emanada da Escritura significa que o foco primário do envio transcultural deve ser proporcionar acesso ao Evangelho aos povos e lugares que ainda não o têm. Duas coisas fornecem uma orientação clara neste assunto.
 - A. Em Atos 1:8, Jesus estabelece a agenda da Igreja ao indicar que ela se moverá, não só através de fronteiras geográficas, mas fronteiras culturais também. O livro de Atos, com o seu movimento de Jerusalém até Roma, mostra que a progressão não é em série, ou seja, inicia-se em Jerusalém e só avança para o próximo local quando é completada no primeiro. Antes, a Igreja de Jerusalém continua a trabalhar na evangelização dos seus, à medida que o evangelho avança para novos locais e povos. Isto significa que, ao participar no plano redentor de Deus, haverá sempre evangelismo e implantação de igrejas dentro da própria cultura, mas também a necessidade enviar obreiros para evangelizar e plantar igrejas transculturalmente, em lugares onde a Igreja não existe.
 - B. O livro de Atos mostra que a dimensão transcultural da propagação do Evangelho pelo mundo originou uma resposta estrutural distinta. O artigo seminal de Ralph Winter sobre as duas estruturas redentoras de Deus mostra, em Atos, quer a igreja local, quer a equipa missionária apostólica. A narrativa de Atos mostra o Espírito a trabalhar através de estruturas já existentes de sinagogas, encontros em casas e grupos de proselitismo judaicos, dando-lhes novo propósito. Robert Banks aponta que a equipa de Paulo realizou trabalho específico, que envolveu uma tarefa em comum e os seus dons tiveram como alvo a evangelização de incrédulos, em detrimento da edificação do corpo. Enquanto que, nas igrejas, havia múltiplas figuras de autoridade, na equipa missionária era Paulo que estava no comando.³ É crucial notar que cada estrutura, igrejas locais e equipas missionárias transculturais, fazem coisas diferentes com eficácia e têm forças diferentes na missão redentoras de Deus. A obra específica da equipa apostólica paulina era plantar igrejas que seriam, mais tarde, capazes de participar na missão de Deus.
5. A compreensão de Paulo acerca da sua chamada mostra-nos que a obra transcultural foca-se na implantação da Igreja onde ela não existe. Lucas não era apenas um historiador, mas um teólogo. Roger Stronstad argumenta que as narrativas de Lucas se encaixam numa combinação de quatro categorias: episódica, tipológica, programática e paradigmática.⁴ A última significa que o episódio mostra características normativas para a missão e caráter do povo de Deus que vive os últimos dias. O foco de Lucas na equipa paulina mostra que isso é paradigmático para a conduta da transmissão transcultural do Evangelho, estruturalmente e em termos de alvos e práticas.⁵ As reflexões de Paulo sobre a sua chamada mostram que ele entendia que deveria proclamar a boa nova de Jesus em lugares onde “Cristo não foi nomeado” (Rom. 15:20), para não edificar em fundamento alheio. Paulo não via o seu trabalho

³ Robert Banks, *Paul's Idea of Community: The Early House Churches in Their Cultural Setting*, revised edition ed. (Peabody, MA: Hendrickson, 1994), 159-162, 169.

⁴ Roger Stronstad, *The Charismatic Theology of St. Luke* (Peabody, MA: Hendrickson, 1984), 8-9.

⁵ Alan R. Johnson, “The Apostolic Priority: Why Long-Term, Culture- and Language-Competent Workers doing Church Planting Among the Unreached is Still Our Highest Missions Priority,” *International Journal of Pentecostal Missiology* 7:1 (2020): 101-102.

- consistir em estar onde a igreja já existia e ele nem a tinha ajudado a plantar. A sua carta aos Romanos mostra que ele está em movimento, não a evitar a igreja, mas querendo partilhar encorajamento mútuo (Rom. 1:11-12). Mas mais importante que isso, faze-los apoiarem-no na sua tarefa de evangelizar em Espanha (Rom. 15:24).
6. Esta trajetória de procurar levar o evangelho a novos lugares é confirmada pela narrativa de Atos, em que vemos movimento de Chipre para evangelização na Ásia Menor. A direção do Espírito, no entanto, não era evangelizar na Ásia ou Bitínia (Atos 16:7), e o resultado é a mudança para Macedónia, no Egeu. Na sua terceira viagem, Paulo planta a igreja de Éfeso, na província da Ásia onde, anteriormente, tinha sido proibido de trabalhar, pelo Espírito (Atos 19:1). Mesmo quando Paulo interage com uma igreja que ele ajudou a iniciar, a sua esperança é que alargada a área de influência da sua equipa “para anunciar o evangelho nos lugares que estão além de vós”. (2 Cor 10:15-16).
 7. A World Assemblies of God Fellowship, com os seus milhões de membros e centenas de milhares de igrejas locais, está implantada num mundo em que praticamente 40% das pessoas têm acesso muito limitado à mensagem salvífica de Jesus Cristo. Existem pessoas que não têm um vizinho que lhes possa partilhar a história de Jesus, nenhuma igreja culturalmente relevante que eles possam visitar; em muitos casos, nem um único versículo da Escritura traduzido na sua língua, e nenhum meio de comunicação cristão acessível. Mais de mil milhões de pessoas vivem em sociedades com 1 cristão por cada 1000 habitantes ou menos. Os estudiosos da demografia cristã afirmam que, entre alguns sectores hindus, budistas e muçulmanos, 86% das pessoas não conhecem um único cristão. Pesquisadores na área das missões garantem que menos de 3% de recursos humanos e financeiros são canalizados para os lugares onde as pessoas têm acesso limitado ou nulo ao Evangelho. Enquanto existirem pessoas de diversas nações, tribos e línguas, eternamente perdidas, os esforços missionários transculturais devem seguir o exemplo de Paulo, na implantação de igrejas onde Jesus ainda não é conhecido ou nomeado.

Guia prático

1. As estruturas missionárias da WAGF devem priorizar a criação de acesso ao Evangelho a todos os povos e pessoas, através de plantação de igrejas locais e nacionais.
2. Cumprir esta complexa tarefa implica o envio de trabalhadores seculares de carreira de longo prazo, que encarnem o Evangelho, estabelecendo igrejas locais e nacionais.
3. A oração e a distribuição de recursos humanos e financeiros devem priorizar aqueles que ainda não têm acesso ao Evangelho.

Task Force do Guia Prático da Comissão de Missões da WAGF
Parte 1: Teologia de Missões
Secção 2: Teologia fundamental para a prática de missões transculturais
Número 6

O Espírito Santo e as Missões

O cumprimento das missões só é alcançado através da obra do Espírito Santo. É à medida que o povo missionário de Deus se rende à direção e capacitação do Espírito que o evangelho é comunicado ao mundo,

criando a possibilidade dos seres humanos se reconciliarem com Deus e uns com os outros.

Original preparado em Julho de 2022, pela Task Force do Guia Prático da Comissão de Missões da WAGF – Parte 1

Introdução

Depois da ressurreição e antes de ascender aos céus, Jesus deixou aos discípulos a tarefa de fazer outros discípulos de todas as nações. No entanto, esta tarefa era demasiado grande para ser cumprida nas suas próprias forças. Jesus instruiu-os a esperar até serem revestidos de poder. Com o evento do Pentecostes e o batismo no Espírito Santo, os discípulos, cheio do Espírito, foram capacitados a cumprir a promessa: “ser-me-eis testemunhas...” (Atos 1:8).

Justificação

Para cumprir o mandato missionário, o povo de Deus deve depender do Espírito Santo em todos os aspetos da empreitada missionária.

Observações gerais

1. Afirmações centrais de uma missiologia conduzida pelo Espírito:
 - A. O Senhor cumpre a missão através da Igreja, pela direção e poder do Espírito Santo.
 - B. Todos os membros da Igreja têm a responsabilidade da ordem apostólica de alcançar todos os povos com as boas novas do reino.
 - C. A liderança da Igreja cria momentos que guiam as pessoas em formas contextualmente adequadas de encontrar o Espírito Santo, nos padrões estabelecidos pela Palavra, de forma a capacitar os crentes para a santidade e o serviço, dando crédito ao seu testemunhar de Cristo.
 - D. A prática missionária efetiva requer que a Igreja, paradoxalmente, empreenda grandes esforços, ao mesmo tempo que depende inteiramente do poder do Espírito.
 - E. A dependência no Espírito requer um compromisso individual e corporativo na oração e no aguardar da Sua presença, para buscar a Sua orientação e poder.
2. Os princípios da Igreja nativa revisitados: Uma igreja nativa é uma comunidade de pecadores salvos pela graça e nascidos num contexto específico que são conduzidos (guiados e capacitados) pelo Espírito para cumprir os propósitos de Deus na e para a comunidade. Como as diversas igrejas descritas no Novo Testamento, particularmente em Atos, estas comunidades locais e nacionais de fé devem ser governadas, apoiadas e propagadas pelo Espírito.
 - A. Governada pelo Espírito — Deus, pelo Seu Espírito, chama e capacita líderes locais para discipular e mobilizar os crentes na fé e guiá-los em discernir e cumprir a vontade de Deus para a sua comunidade.
 - B. Apoiada pelo Espírito — Como comunidade responsável, a igreja nativa volta-se para os recursos ilimitados do Espírito para o seu sustento, de forma a não depender de agências, ministérios ou instituições.

- C. Propagada pelo Espírito — Como comunidade de fé, os membros da igreja nativa são capacitados pelo Espírito para, apaixonadamente alcançar os seus vizinhos, a sua nação e o mundo.
3. O batismo no Espírito Santo capacita o povo missionário de Deus a dar testemunho às nações da ressurreição de Jesus Cristo e do poder redentor do Evangelho, através de vidas vividas em santidade e serviço, na comunidade

Guia Prático

1. Mergulhar cada decisão e ação em oração guiada pelo Espírito Santo alinhada com a Escritura e os princípios bíblicos da igreja nativa.
2. Desenvolver uma disciplina de oração pelas nações na Igreja.
3. Na seleção de candidatos a missionários, avaliar as suas vidas de oração e historial de dependência do Espírito para direcionamento e frutificação.
4. No treinamento de missionários, todos os aspetos do processo devem ser regados em oração, modelando os candidatos à dependência do Espírito. O conteúdo do treinamento deve enfatizar a importância da oração e a dependência do Espírito nos empreendimentos missionários e em todos os aspetos da vida.
5. Tempos próprios devem ser programados pelas agências missionárias e estruturas de treinamento para buscar a direção e a capacitação do Espírito Santo.
6. Comunicação frequente de planos e progressos a agências e líderes idóneos e guiados pelo Espírito (como a WAGF) para avaliação e encorajamento, de forma a existir confirmação da direção e das atividades missionárias.

Task Force do Guia Prático da Comissão de Missões da WAGF
Parte 1: Teologia de Missões
Secção 2: Teologia fundamental para a prática de missões transculturais
Número 7

Missiologia Equilibrada: Integrando Evangelismo, Discipulado, Plantação de Igrejas, e Compaixão

Muitos missionários e organizações missionárias trabalham em dimensões específicas das missões, de uma forma compartimentada. No entanto, na Escritura, as dimensões de trabalho do evangelismo, discipulado, plantação de igrejas e beneficência estão holisticamente integradas para o cumprimento das missões.

Original preparado em Julho de 2022, pela Task Force do Guia Prático da Comissão de Missões da WAGF – Parte 1

Justificação

O foco Pentecostal no estabelecimento e desenvolvimento, não só de igrejas locais nativas, mas movimentos nacionais de igrejas completamente nativas guia a Assembleia de Deus a uma abordagem holística e integrada da prática missionária.

Observações gerais

1. Missionários pentecostais colocam como prioridade o trabalho evangélico bíblicamente orientado e direcionado pelo Espírito, disciplinando os novos convertidos, plantando igrejas e demonstrando compaixão para os feridos e marginalizados. Obreiros globais têm o desejo de transmitir estas funções bíblicas como o ADN fundador no estabelecimento de igrejas nacional e movimentos nacionais de igrejas nativas.
2. A passagem de testemunho deste ADN espiritual para nutrir completamente as igrejas nacionais e os movimentos nacionais requer que os obreiros transculturais incorporem todas estas quatro atividades bíblicas no decorrer da implantação e estabelecimento de igrejas que levem esse movimento no caminho da maturidade, para assegurar que as mesmas são plenamente capazes de pensar teologicamente e profeticamente nos seus contextos sociais.
3. De forma a passar esse ADN bíblico à nova igreja, os missionários devem ensinar e disciplinar os crentes para os ajudar a discernir as necessidades dentro do seu contexto, ouvir a voz de Deus, desenvolver modelos de ministério e equipar membros para a obra do ministério.
4. Todo o trabalho dos obreiros transculturais deve ser executado com vista a à construção do tipo de igreja que toma a dianteira no cuidado aos pobres e vulneráveis, mas que, ao mesmo tempo, não prejudique o seu desenvolvimento no tocante ao seu governo próprio, independência financeira, capacidade evangelísticas, desenvolvimento teológico, cuidado social e envio de missionários próprios.
5. Estes novos movimentos eclesiais, por sua vez, tornam-me participantes da missão de Deus como uma nova comunidade de justiça e, dessa forma, também, o veículo que Deus usa para cumprir o Seu propósito redentor.

Guia prático

1. Obreiros globais devem responder à liderança do Espírito Santo e serem intencionais na integração do evangelismo, discipulado, implantação de igrejas e compaixão em todas as atividades missionárias.
2. Todas as igrejas devem ser plantadas e estabelecidas contextualmente em concordância com os princípios da igreja nativa, integrando as dimensões de evangelismo, discipulado, implantação de igrejas e compaixão.
3. Todos os ministérios de compaixão devem ser aptos a estabelecer uma ligação direta às outras três dimensões, a saber, evangelismo, discipulado e implantação de igrejas.

Task Force do Guia Prático da Comissão de Missões da WAGF
 Parte 1: Teologia de Missões
 Secção 2: Teologia fundamental para a prática de missões transculturais
 Número 8

Eclesiologia e a importância da plantação de igrejas

A Igreja, como povo missionário de Deus, planta comunidades locais de fé de forma a cumprir o mandato missionário. Assim, o estudo da missiologia torna-se o estudo da Igreja. Uma fraca teologia da Igreja irá produzir um fraco senso de missões.

Justificação

O que é a Igreja? Qual a sua missão? A Igreja não é, em si mesma, a fonte das missões. É preciso recuar mais para descobri-la. A Igreja é o resultado do propósito e plano redentor de Deus. A Igreja é o objeto do amor de Cristo. A Igreja é o corpo de Cristo através do qual o seu eterno propósito é realizado. A Igreja é de Cristo e Cristo é de Deus (1 Cor. 3:23). Assim sendo, o estudo das missões torna-se o estudo da Igreja. Uma fraca teologia da Igreja irá produzir um fraco senso de missões.⁶

Observações gerais

1. A missão leva o ser humano de volta ao coração de Deus. E quando se chega à origem do envio do povo de Deus ao mundo, chega-se ao coração do plano e propósito do Deus vivo. O plano redentor de Deus centra-se em seres humanos e os seus seguidores redimidos vivem sempre como uma nova comunidade debaixo dos Seus mandamentos.
2. É possível observar, no livro de Atos, que a Igreja Primitiva interpretou a comissão de Jesus, de fazer discípulos de todas as nações e proclamar as boas novas em todo o mundo, como não só o evangelismo de indivíduos, mas a formação de comunidades locais de fé. São as igrejas locais que dão testemunho às suas sociedades.
3. A igreja local está na linha da frente das missões globais por duas razões. Primeiro, as igrejas locais são o canteiro para o desenvolvimento de missionários transculturais que levarão o Evangelho a novas pessoas e novos lugares. Segundo, os obreiros globais que são enviados, plantam novas igrejas locais que serão testemunhas à sua sociedade e, também elas, produzirão novos obreiros transculturais para enviar ao mundo.
4. Estas congregações e organizações nacionais devem seguir o padrão da igreja do Novo Testamento – apoiadas, governadas e propagadas pelo Espírito. Isto significa que é o Espírito que provê as necessidades da Igreja; é o Espírito que direciona e conduz a congregação; é o Espírito que capacita as suas testemunhas apostólicas ao mundo. O Novo Testamento mostra que as igrejas que são contextualmente organizadas preservam o avivamento do fruto do Espírito; o objetivo de ser alcançar as dinâmicas do poder do Espírito e uma organização direcionada pelo Espírito.
5. A missiologia Pentecostal reconhece que o mandato missionário não pode ser cumprido a não ser que comunidade da Igreja no seu todo (o sacerdócio universal de todos os crentes), quer local, quer globalmente, seja capacitado e direcionado pelo Espírito. Logo, a competência mais importante para o cumprimento do ministério e da missão é ser apto a discernir a voz do Espírito e, em obediência, entregar-se à capacitação do Espírito, quer sobrenaturalmente (com milagres, sinais e maravilhas),

⁶ Melvin Hodges, *A Theology of the Church and Its Mission: A Pentecostal Perspective*, (Springfield, MO: Gospel Publishing House, 1977), 10.

quer naturalmente, através dos dons e fruto do Espírito na vida do povo missionário de Deus.

Guia prático

1. Agências missionárias e trabalhadores globais devem priorizar a plantação e estabelecimento de igrejas locais de acordo com o padrão do Novo Testamento e que resulte na formação de movimentos nacionais nativos.
2. As igrejas locais devem ser o laboratório de desenvolvimento de missionários transculturais e centros de mobilização para missões e treinamento missionário.
3. Agências missionárias e programas de treinamento devem desenvolver obreiros globais capazes de discernir a voz do Espírito e, em obediência, renderem-se à capacitação do Espírito.

Task Force do Guia Prático da Comissão de Missões da WAGF
Parte 1: Teologia de Missões
Secção 2: Teologia fundamental para a prática de missões transculturais
Número 9

Ministérios sensíveis ao seu contexto: Equilibrando e evitando extremismos

Todas as igrejas e movimentos eclesiásticos estão inseridos na cultura. Diferentes tipos de crentes, de formas de viver a fé, de viver seguindo a Jesus como Senhor, são, por necessidade, resultado de uma combinação entre a Bíblia e a cultura local.

Original preparado em Julho de 2022, pela Task Force do Guia Prático da Comissão de Missões da WAGF – Parte 1

Justificação

A ordem de levar o Evangelho a todos os povos significa que os seguidores de Jesus num determinado contexto sociocultural devem atravessar fronteiras para um novo território cultural, a fim de enraizar o Evangelho nesse mesmo contexto. A disciplina missiológica que aborda a passagem do Evangelho para um novo contexto cultural é denominada contextualização.

Observações gerais

1. A vivência de fé de um indivíduo pode ser muito eficaz, na sua própria esfera social, de forma a trazer outros à crença em Jesus. Mas, quando um obreiro transcultural leva a sua “versão” de vivência cristã até outra cultura, pode aperceber-se que algumas das suas práticas podem ser um entrave para que as pessoas respondam positivamente ao Evangelho. Quando as vivências de fé são exportadas para um novo contexto cultural, os nativos sentem, por vezes, que a mesma lhes é “estrangeira”.
2. De forma a conseguirem contextualizar, os obreiros transculturais devem procurar exercer o seu ministério com sensibilidade ao contexto local. Este é um processo comum, em que um indivíduo trabalha com os locais, sejam cristãos ou não, com o objetivo de encontrar formas contextualizadas à realidade local de expressar funções bíblicamente fundamentadas.

3. Um ministério sensível ao contexto envolve uma dimensão de encarnação (aculturação), ou seja, a identificação do missionário com a cultura local; uma dimensão eclesiológica, em que a comunidade de fé expressa o que significa estar debaixo do senhorio de Cristo nesse contexto; e, finalmente, uma dimensão teológica, em que a liderança da comunidade de fé articula princípios teológicos relevantes aos seus próprios assuntos.
4. Paul Hiebert sugere um processo que pode facilitar o trabalho em assuntos contextuais. 1) Começar por compreender, em profundidade, o assunto cultural em questão. 2) Interpretar exegeticamente a Escritura e construir uma ponte que mostre como a verdade do Evangelho se aplica a este assunto local. 3) Desenvolver uma resposta crítica ao assunto, avaliando costumes locais à luz da nova compreensão bíblica. 4) Desenvolver novas práticas contextualizadas que expressem o ensino bíblico.⁷
5. Um ministério sensível ao contexto encoraja a formação de uma identidade centrada em Jesus para os novos crentes, ao invés da manutenção de uma identidade religiosa prévia. Os “Insider movements”, que começaram por trabalhar com muçulmanos, advogam que os “seguidores de Jesus” devem continuar a identificar-se com a sua religião de “nascença” (por exemplo, ser um seguidor de Jesus muçulmano, um seguidor de Jesus budista ou um seguidor de Jesus hindu). No entanto, um budista não pode continuar a identificar-se como budista quando começa uma nova vida, segundo o senhorio de Cristo. O Evangelho desafia profeticamente os rituais religiosos e as práticas e elementos da cultural local que não estão alinhadas com a verdade da revelação.
6. A contextualização é uma tarefa complexa para uma comunidade de fé nativa. Requer capacidades bíblicas e discernimento espiritual porque as culturas são dinâmicas e em constante mudança. O uso de rituais locais e padrões culturais facilita a comunicação do Evangelho e a formação de comunidades locais de fé, mas, se for feito sem um olhar crítico, pode resultar em sincretismo que distorce a verdade do Evangelho.

Guia prático

1. Agências missionárias e estruturas de treinamento missionário precisam de equipar os obreiros globais com capacidades para interpretar a Escritura e a cultural local na comunidade de maneira a ministrar e desenvolver igrejas locais e nacionais em formatos culturalmente apropriados.
2. De maneira a evitar extremos como os dos “Insider Movements”, novos convertidos devem ser capacitados a discernir, de forma fácil, expressões culturalmente apropriadas da sua identidade em Cristo, debaixo da direção do Espírito.
3. Igrejas nativas devem estar engajadas com a Igreja universal e a história dessa mesma Igreja como forma de evitar sincretismos.

⁷ Paul Hiebert, "Critical Contextualization," *International Bulletin of Missionary Research* (July 1987): 104-12.

Secção 3: Desafios/ameaças às missões globais

Task Force do Guia Prático da Comissão de Missões da WAGF
Parte 1: Teologia de Missões
Secção 3: Desafios/Ameaças
Número 10

A ameaça do universalismo e a singularidade de Cristo, o Salvador do Mundo

A ameaça do universalismo nega a singularidade de Cristo, a autoridade da Bíblia, a necessidade de conversão e as missões globais.

Original preparado em Julho de 2022, pela Task Force do Guia Prático da Comissão de Missões da WAGF – Parte 1

Justificação

Se a conveniência cultural levar à rejeição da singularidade de Cristo e da autoridade da Bíblia, a Igreja perdeu a sua identidade central e a sua razão de existir. As Escrituras revelam que, através da vida, morte e ressurreição de Jesus, os seres humanos que estavam afastados de Deus e uns dos outros por causa do pecado, podem ser reconciliados com Deus e uns com os outros na condição do arrependimento, conversão, rendição ao senhorio de Cristo e participação na missão de Deus no mundo.

Observações gerais

1. Visão geral
 - A. A Bíblia apresenta a grande história do Deus vivo, que cria a humanidade à sua imagem para o propósito de viver num relacionamento íntimo com Ele e multiplicar a família humana que O adora e serve. Quando o ser humano tenta usurpar o papel divino e ser como Deus, o relacionamento é quebrado. A primeira e fundamental condição da perdição espiritual é um relacionamento quebrado com Deus, causado pela idolatria de se fazer a si mesmo deus, o que leva a uma desobediência deliberada aos mandamentos divinos. A rebelião e desobediência destruíram a harmonia entre Deus e os seres humanos, entre homem e mulher, e entre os seres humanos e o restante da criação divina.
 - B. O ponto de vista bíblico da humanidade perdida e separada de Deus, necessitando de salvação e libertação do julgamento, está no centro do projeto redentor de Deus e é um ponto fundamental para a compreensão da Escritura na sua totalidade.
 - C. A história da Bíblia e a mensagem apostólica mostram que a reconciliação com Deus é possível e ensina como o Homem pode conhecer Deus pessoalmente e ter acesso ao Deus vivo. A boa notícia do que Deus fez, em Jesus Cristo, para redimir a humanidade, perdoar os seus pecados, abolir a morte e trazer luz e imortalidade

ao Homem (2 Tim. 1:10) é a mensagem que o povo de Deus proclama, em palavras e obras, a um mundo perdido.

- D. Existem muitas vozes, nos nossos dias, quer no mundo cristão, quer no mundo secular, que veem a Bíblia como um documento humano com pouca ou nenhuma autoridade, que consideram a ideia do juízo divino repulsiva, e que não veem necessidade na salvação em Jesus. No seu ponto de vista, todas as religiões são igualmente salvíficas, porque não há nada para se ser salvo de ou convertido a, e o derradeiro objetivo não é Deus ser conhecido e glorificado nas nações, mas que todos os seres humanos vivam em paz e harmonia.
 - E. Os seguintes pontos explicam, de forma breve, porque a Igreja permanece comprometida com a autoridade da Bíblia, o ponto de vista bíblico acerca do Deus vivo, e com a proclamação do Evangelho de Jesus Cristo a todos os povos, nações, tribos e línguas do mundo.
2. Porque a Bíblia é importante?
- A. Religiões e filosofia criam narrativas para explicar as questões fundamentais, como a origem do mundo, a natureza essencial da humanidade, o que está errado com a humanidade e a solução para esse problema. É um lugar comum dizer que todas as religiões vão desaguar ao mesmo lugar; o problema é que as narrativas das mais variadas religiões têm soluções e finais completamente diferentes. A narrativa do Antigo e Novo Testamento é harmoniosa com as experiências de tudo o que a humanidade já conhece.
 - B. A Bíblia oferece a solução para o dilema humano que pode libertar e transformar as pessoas, dar sentido à vida, conquistar a morte e trazer um futuro eterno na presença de Deus.
 - C. A Bíblia não só aborda a condição humana, mas é também harmoniosa com a experiência de milhões de pessoas que conheceram o Deus vivo, através de Jesus Cristo, e viram as suas vidas transformadas. O testemunho ocular da ressurreição de Jesus Cristo, Senhor de tudo, escrito na Bíblia, continua a ser confirmado pela experiência cristã, à medida que Ele é proclamado entre as nações.
3. Se Deus é um Deus de amor, como é Ele capaz de enviar alguém para o inferno?
- A. A ideia da ira de Deus é desconfortável para algumas pessoas, que a consideram incompatível com a ênfase bíblica no Seu amor. Existem três noções que ajudam a compreender que o amor e a ira de Deus, tal como o julgamento do pecado, não são incompatíveis.
 - B. Primeiro, o amor de Deus significa que Ele ama o ser humano de tal forma que nunca o irá forçar a estar na Sua presença. A imagem bíblica da humanidade sem Deus é clara: os homens amam mais as trevas do que a luz e nunca virão à luz a não ser que as suas obras perversas sejam expostas (João 3:19-20); os homens recusam amar a verdade e têm prazer na injustiça (II Tessalonicenses 2:10-12). Quando Paulo que os seres humanos são, por natureza, filhos da ira (Ef. 2:3; Col. 3:6), significa, como alguns autores afirmam, que eles nunca queriam estar no Céu com um Deus tal como ele é e tal como eles são.

- C. A Bíblia afirma que o Deus vivo irá julgar todos os seres humanos com verdade e justiça; ninguém será tratado injustamente e, no final, cada ser humano colherá aquilo que semeou.
- D. Por último, a ira de Deus é inseparável do Seu amor. O amor gracioso e misericordioso de Deus, que o ser humano pode experimentar quando inicia um relacionamento com Ele, através de Jesus, é, como C.S. Lewis nos relembra, “muito mais do que simples bondade”⁸. O amor de Deus pelo ser humano, como revelado na Bíblia, é o que Lewis chama de uma “verdade horrível e surpreendente”⁹. Deus ama o ser humano de uma forma tão intensa para simplesmente deixá-lo no seu estado de perdição, mas também o amo tanto que não o força a estar na Sua presença quando o mesmo rejeita o Seu amor. Existe um senso muito real de que Deus não envia ninguém para o inverno. A pessoa é que escolhe ir para lá.
4. Porque proclamamos Jesus como o único caminho e a necessidade da conversão?
- A. Romanos 1:18-32 mostra que o ser humano abafa a verdade que pode ser conhecida sobre Deus através da revelação geral. Todos os seres humanos pecaram e estão separados da glória de Deus (Rom. 3:23), sendo responsáveis diante de Deus (Rom. 3:19). O ser humano é incapaz de salvar-se a si mesmo.
- B. Em Atos 4:12, Pedro declara que Deus providenciou uma resposta para o dilema humano em Jesus Cristo. “Em nenhum outro há salvação, pois também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devemos ser salvos”.
- C. A salvação é um dom gratuito de Deus. A conversão requer que o ser humano se arrependa (se volte) do seu pecado, renda a sua auto-soberania a Ele, viva de uma forma que agrade a Deus e sirva Cristo como o legítimo rei das suas vidas e cabeça da comunidade de fé, a Igreja.
- D. Em resposta a estas questões, “porque não fazer apenas do mundo um lugar melhor?” O evangelismo conversivo afirma que as boas intenções não resolvem o problema do pecado. Apenas o arrependimento e a fé, juntamente com uma entrega total a Cristo podem resolver o dilema humano do pecado.

Guia prático

1. Missionários e agências missionárias não podem ceder às pressões da cultura que afirma que todos os caminhos religiosos levam à salvação, minando a singularidade de Cristo como único caminho para a salvação.
2. A Bíblia deve ser tida como padrão da verdade, onde a agenda redentora de Deus e a agenda da missão da Igreja são reveladas.
3. A salvação, providenciada pela obra de Cristo, requer que cada pessoa se arrependa dos seus pecados e se converta, do seu auto-governo para o governo de Cristo, demonstrando-o pelo amor a Deus e amor ao próximo.

⁸ C. S. Lewis, *The Problem of Pain*, (New York, NY: MacMillan Publishing, 1977), 41.

⁹ Lewis, *The Problem of Pain*, 46.

4. A Igreja deve alcançar, em amor e verdade, aqueles que se desviaram da verdade do evangelho.

Task Force do Guia Prático da Comissão de Missões da WAGF
Parte 1: Teologia de Missões
Secção 3: Desafios/Ameaças
Número 11

Os desafios da missiologia administrativa e a Nova Reforma Apostólica

A ameaça teológica dupla da missiologia administrativa e da Nova Reforma Apostólica mina a missiologia orientada pelo Espírito Santo.

Original preparado em Julho de 2022, pela Task Force do Guia Prático da Comissão de Missões da WAGF – Parte 1

Justificação

O crescimento da missiologia administrativa e o novo movimento apostólico mina a necessidade da orientação e da capacitação do Espírito, alicerçando a filosofia e as atividades missionárias na atuação humana (isto é, fazendo depender as missões de recursos humanos ao invés de depender do Espírito).

Observações

1. Missiologia administrativa
 - A. O intento dos estudiosos identificados com a promoção da “missiologia administrativa” é terminar a tarefa inacabada da evangelização global. Procuram alcançar os não-alcançados através de análise e desenvolvimento estratégico, focando-se em estratégias e empreendimentos humanos.
 - B. Seguir os padrões da missiologia administrativa significa limitar a visão missionária à engenhosidade, esforços e recursos humanos. A missiologia bíblica afirma que a visão e prática missionária devem cingir-se apenas e só à direção e capacitação do Espírito. O Deus da Bíblia é o Deus do impossível. O cumprimento do mandato missionário é o impossível tornado possível por Deus, através da Igreja, no poder do Espírito.
 - C. “Não se deixem enganar. A empreitada missionária da igreja, não importa o quão bem preparada está, o quão bem administrada e apoiada é, falhará como qualquer outra vasta empreitada humana, se, quando a instrumentalidade humana não é suficiente, um aliado abençoado não avançar. É o Espírito Santo que chama, que inspira, que revela, que administra... Há muito que deixei de estar interessado em reuniões onde os responsáveis pela missão são chamados a analisar gráficos, mapas, tabelas e estatísticas. O que precisamos para ter colheitas abundantes é apenas e só seguir a liderança do Espírito... O otimismo essencial do Cristianismo está no facto do Espírito Santo ser uma força capaz de se propagar no paganismo

mais duro, no dogmatismo mais rígido e na organização mais sufocante, trazendo assim a glória do Pentecostes”.¹⁰

- D. Os pentecostais, corretamente, rejeitam uma abordagem empresarial, mas assumem que a informação do estado da evangelização mundial, planeamento estratégico, implementação e organização são vitais na empreitada missionária, quando submetidas à orientação e capacitação do Espírito e alinhadas com os princípios da Escritura.
2. A Nova Reforma Apostólica
- A. Para cumprir a missão de evangelizar o mundo, os defensores da Nova Reforma Apostólica (NRA) advogam o estabelecimento de uma liderança hierárquica eclesiástica, baseada na doutrina do ministério quártuplo, identificada em Efésios 4:11 – apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres.
 - B. Enquanto que a maioria dos pentecostais advoga a utilidade desses ministérios para equipar o povo de Deus para o ministério, a reivindicação de um poder único sobrenatural e eclesiástico para estas funções mina a doutrina do sacerdócio universal de todos os crentes e a necessidade de todos os cristãos participarem na missão de Deus para o mundo.
 - C. Outros princípios da NRA incluem guerra espiritual e a teologia do domínio, onde a autoridade espiritual é dada a “pessoas orientadas para o reino” para exercer domínio no mundo e no reino espiritual (isto é, estabelecer o reino de Deus na terra). Os pentecostais afirmam que com o advento de Jesus, os primeiros frutos do reino entraram na era presente, capacitando a Igreja a dar testemunho ao mundo. No entanto, a plenitude do reino apenas acontecerá quando Jesus Cristo regressar. No entanto, a missão da Igreja não é estabelecer o reino, mas proclamar, em palavras e obras, o evangelho do Reino, com os sinais que o seguem. Fazer algo contrário a isto é usurpar a autoridade de Cristo.

Guia prático

1. Agências missionárias e obreiros globais precisam estar cientes que existem perspectivas teológicas, ações de missiologia administrativa e um novo movimento apostólico que minam a prática missionária baseada na Bíblia e dependente do Espírito.
2. A ação e a visão missionária nunca devem ser limitadas por uma teologia ou filosofia de missões que limita as possibilidades do que Deus pode fazer, através do seu povo missionário.
3. Dentro das estruturas missionárias, é necessário estabelecer salvaguardas em todos os níveis de liderança no que toca a prestação de contas à Igreja. “Sujeitando-vos uns aos outros no temor de Deus” (Efésios 5:21).

¹⁰ As quoted in Wilson, Everett A. *Strategy of the Spirit: J. Philip Hogan and the Growth of the Assemblies of God Worldwide 1960-1990*. (Carlisle, U.K.: Regnum Books International, 1997), 136-137.

O amadorismo das missões: O desafio dos obreiros sem formação e de curto prazo

Nos últimos anos, membros de igreja locais (“amadores”) aumentaram a sua participação na obra missionária no terreno. Quando feitas com treinamento e preparação, estas experiências podem mobilizar a igreja a uma crescente participação na missão. No entanto, estas experiências de curto prazo não podem nunca tirar a ênfase à importância crítica do ministério a longo prazo, dos missionários de carreira e do estabelecimento de igrejas locais e nacionais.

Original preparado em Julho de 2022, pela Task Force do Guia Prático da Comissão de Missões da WAGF – Parte 1

Justificação

As oportunidades dadas aos leigos das igrejas locais para se envolver nas missões nunca deve distrair as agências missionárias da importância de priorizar o envio de obreiros a tempo inteiro, preparando a treinando todos os que se querem engajar na missão.

Observações gerais

1. As circunstâncias dos nossos dias permitem às igrejas locais estarem envolvidas na missão de uma forma que não era possível há algumas décadas. Tem havido um crescimento acentuado no envolvimento com missões através da Internet, das redes sociais e de missões de curto prazo. Igrejas locais envolvem-se em projetos próprios noutros países sem uma missiologia adequada, treinamento missionário e sem qualquer tipo de aconselhamento por parte de liderança missionária experiente. Existe a tentação de passar por cima do treinamento e da preparação e enviar pessoas diretamente para o terreno.
2. Ter “amadores” envolvidos na missão pode ser muito positivo, porque mobiliza a igreja para a missão e cria a possibilidade de outros membros da igreja terem uma experiência palpável no campo missionário. Se realizado com treinamento, estes “amadores” serão cada vez mais incentivados a ofertar, orar e participar das mais variadas formas na missão. Compromisso “amador” não pode levar a Igreja a desvalorizar o treinamento e os obreiros a tempo inteiro. Uma ênfase exagerada em missões feitas por leigos pode impedir a criação de uma igreja nativa madura no país em questão.
3. Ironicamente, as igrejas com falta de preparação e treinamento para missões e obreiros de curto prazo, insistem frequentemente na preparação e treino para o seu pastor e equipa ministerial. Para serem consistentes, quer a liderança local, quer os que participam na obra da missão devem valorizar e participar em programas de treinamento. Quando feito com treinamento e intencionalmente, o envolvimento missionário e a participação dos leigos na missão abençoará a empreitada missionária e não será uma ameaça para os resultados a longo prazo.

Guia prático

1. A Igreja deve afirmar o envolvimento de leigos em oportunidade de missão que levem a um maior compromisso da igreja local com a missão (por exemplo, oração, finanças, serviço).
2. A Igreja não deve permitir que o envolvimento de leigos diminua o compromisso de apoio a missionários de tempo inteiro.
3. A Igreja pode usar envolvimento de curto prazo como rampa de lançamento para identificar aqueles que tenham uma chamada e encorajá-los a uma maior preparação e treinamento.

Task Force do Guia Prático da Comissão de Missões da WAGF
Parte 1: Teologia de Missões
Secção 3: Desafios/Ameaças
Número 13

Escatologia: Restaurando a urgência de anunciar e trazer de volta o Rei

Na história do pentecostalismo, a urgência em cumprir a Grande Comissão surgiu da convicção que Jesus voltaria em breve, para arrebatá-la Sua Igreja.

Original preparado em Julho de 2022, pela Task Force do Guia Prático da Comissão de Missões da WAGF – Parte 1

Justificação

Cada vez mais nos meios evangélicos e pentecostais, a escatologia está a mudar, de uma urgência na vinda de Jesus, o Rei, para a missão de trazer o reino de Deus para a terra, resultando numa diminuição da ênfase na evangelização global.

Observações gerais

1. Nos últimos anos, o pentecostalismo moderno tem reduzido o foco na pregação, ensino e ênfase da segunda vinda de Cristo. Apesar de alguma dessa ênfase nas últimas décadas não ter passado de um “modismo”, sempre se aliou a uma urgência em volta da Grande Comissão. Quando a Igreja desvaloriza a segunda vinda de Cristo, também desvaloriza a importância de alcançar os não alcançados.
2. Excessos nos detalhes da vinda de Cristo (sinais, interpretações apocalípticas, adivinhar datas) distrai a Igreja da ênfase bíblica, expressa na Escritura, da responsabilidade da Igreja em evangelizar o mundo no poder do Espírito até que Ele volte.
3. Pedro afirma que Deus é paciente com a Igreja no cumprimento da sua missão porque, da perspectiva humana, o dia do Senhor e a vinda de Cristo são acelerados por “vidas santas” que dão testemunho do Evangelho (2 Ped. 3:11-12).

Guia prático

1. Os crentes devem pregar, com convicção, acerca da segunda vinda de Cristo.
2. Os seguidores de Cristo devem ligar essa convicção à urgência da Grande Comissão e responder com uma visão missionária.

3. Uma igreja sem visão missionária precisa de considerar a possibilidade de estar a negligenciar a pregação acerca da segunda vinda de Cristo.
4. Alcançar uma visão missionária é possível através de pregações sobre a segunda vinda de Cristo, ligando-a intencionalmente à responsabilidade da Igreja em cumprir a Grande Comissão.